

**Representações culturais e religiosas na Comunidade Quilombola de Vicentes em Xique-Xique-Ba: Afirmação identitária e luta por melhores condições de vida**

Itamara Silva Damázio

**RESUMO**

Este texto apresenta um panorama das representações religiosas e culturais desenvolvidas no cotidiano dos moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo de Vicentes, em Xique-Xique-Ba e, principalmente, aborda os elementos culturais que foram utilizados enquanto afirmação identitária para reconhecimento quilombola por esta população ainda em processo de luta pela titulação fundiária junto ao INCRA. Para tanto, debrucei-me sobre um dos capítulos da minha dissertação de mestrado, produzida em 2006, intitulada “Ribeirinhos e Sertanejos Quilombolas de Vicentes: Memória e Identidade”, pelo Programa de Estudos Étnicos e Africanos da UFBA do Pós-Afro, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo N. Bernardo da Cunha, pesquisa etnográfica, sobre a qual identificamos tratar-se de um grupo expressivamente católico que se utiliza dos muitos momentos de realização de seus práticas religiosas, ao longo de todos os

anos, para manifestarem, a roda de São Gonçalo e, especialmente, o samba de roda, “os batuques”, como dizem, no intuito de continuarem valorizando sua herança histórica baseada em um mito fundador, originado do contexto escravocrata brasileiro, com o sentido de reivindicação contínua da identidade quilombola e estratégia de luta por maior visibilidade político-social e melhores condições de vida.

Palavras-Chave: Representações culturais e religiosas. Quilombo Vicentes. Afirmação identitária. Melhores condições de vida.

**1- INTRODUÇÃO**

A Comunidade Remanescente Quilombola de Vicentes situa-se na área rural do município de Xique-Xique-Ba, a 25 km de distância da sede, situada no território de Irecê, no curso do submédio do Rio São Francisco, na região do semiárido baiano, a 577 quilômetros de Salvador. Sendo que possui uma população de uma média de 80 habitantes, sendo circundada por outras comunidades rurais semelhantes em termos de ocupação e com atividades econômico-sociais afins.

Esse é o único Quilombo reconhecido no município e está certificado pela Fundação Cultural Palmares (FCP), desde dezembro de 2006, mas ainda, no corrente ano encontra-se em processo de titulação fundiária, realidade morosa comum a tantas outras comunidades baianas e brasileiras de nosso país em processo pela garantia legal de suas terras, a partir do

Decreto 4.887 de 20/11/2003 que regulamentou o Artigo 68, do ato das Disposições Transitórias da Constituição de 1988, que dispõe sobre o direito à terra aos grupos remanescentes de quilombos[1] do país a qual orienta a FCP e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na responsabilização, reconhecimento e titulação das referentes terras.

O nome Vicentes origina-se de Vicente, o Vicente Pereira Baldino, homem negro e ex-escravizado que fugiu das terras do Estado de Pernambuco, no século XIX, com sua esposa Joventina Pereira da Cruz e, após percorrer áreas de caatinga, ao longo do Vale do Rio São São Francisco, chegou no município de Xique-Xique, instalando-se primeiramente no povoado próximo, denominado Marrecas, para depois se fixar no território de onde hoje se constituiu o Quilombo de Vicentes.

Faz-se necessário salientar que a minha relação afetiva com essa área deu-se pelo fato de ser originária do referido município e me interessar pelo percurso histórico de grupos considerados excluídos socialmente, desde à graduação, que num momento posterior, reverberou na proposta mais ampla que se transformou na dissertação de mestrado, defendida em 2016, na qual analisei a trajetória dessa comunidade, desde a sua formação, à memória reconstituída através do pleito quilombola e sua relação com os dispositivos legais.

Nesse contexto, pude identificar que as manifestações especificamente as culturais vivenciadas na localidade possuem um importante significado para estes sujeitos, de contínua reivindicação de afirmação identitária enquanto quilombolas, a partir da interpretação feita de tais dispositivos, constituídos no cenário das lutas políticas da contemporaneidade brasileira, apoiados em discursos antropológicos aos quais estes se baseiam.

Num primeiro momento da pesquisa de campo, acreditava encontrar em Vicentes a prática de religiões de influência ou matriz africana, como a umbanda ou candomblé, por acreditar serem estas as mais representativas em terras brasileiras da religiosidade do povo negro e de sua cultura por apresentar elementos de mitos e tradições africanas que pudessem justificar a diferenciação de outras comunidades circunvizinhas a Vicentes que não fossem quilombolas. Entretanto, a totalidade do grupo autoafirmava-se católica, à época da pesquisa, e a grande maioria participava das atividades religiosas da localidade, seguindo o calendário católico, bem como práticas do catolicismo popular, como reuniões realizadas para cultuar determinados santos e realizar, por exemplo, o rito dos penitentes na Semana Santa.

E, nesse contexto de prática das atividades religiosas católicas, os quilombolas sempre aproveitam para realizar o samba de roda e, em alguns momentos, a roda de São Gonçalo, sendo que, após o reconhecimento da comunidade enquanto

quilombo, ganhou ainda mais força, a realização do samba, principalmente na Trezena de Santo Antônio realizada em 13 de junho, período em que é esperado um número significativo de visitantes, de variadas partes da cidade e de outros lugares, para prestigiarem tal evento que se reveste de elementos entre o sagrado e o profano.

Tanto as atividades religiosas como as confraternizações e o samba de roda são realizados no interior da própria igreja, traduzindo sentimentos de fé, alegria e da necessidade do desejo de autoafirmação desses sujeitos enquanto quilombolas, ao mostrarem, através dos passos e dos batuques do samba que merecem respeito pela sua história e, assim terem a oportunidade de poder galgar maior visibilidade social e política, pensando em obter melhorias econômicas para a comunidade onde vivem.

## 2- O CICLO DE FESTAS LOCAL

As comunidades negras rurais contemporâneas brasileiras possuem suas especificidades culturais e religiosas que foram sendo sedimentadas ao longo dos anos a partir de sua realidade social, econômica, afetiva, organizacional enquanto grupo. E no caso de Vicentes, a identidade quilombola se interrelaciona à Identidade de ser povo ribeirinho do Vale do São Francisco e sertanejo da Bahia.

Nessa Comunidade, o ciclo de festas ocorre voltado à celebração de datas religiosas, como, por exemplo, o Santo Reis, a Trezena de Santo Antônio, Celebração à Nossa Senhora Aparecida, o Auto de Natal e, neste contexto, se é realizado, em alguns momentos, a roda de São Gonçalo à frente da igreja, e o Samba de roda ou batuques, como os moradores amplamente o denominam, no interior da igreja local.

A Trezena de Santo Antônio, no mês de junho, festividade dedicada ao Santo Padroeiro da comunidade, compreende o evento que mais movimentava o lugar, atraindo pessoas de povoados vizinhos, da sede da cidade e de demais cidades da região, representando para seus moradores a oportunidade de reafirmação de seus valores, identidade, bem como de



Figura 1- Louvor ao Santo . Momento final da celebração religiosa em dedicação ao Santo Antônio na Trezena de junho de 2014. Foto Itamara Damázio

Dadas danças, ritmos, como o samba de roda, dentre outros, fazem parte de um conjunto de práticas de influências africanas na cultura brasileira usados em discursos antropológicos para reconhecimento das comunidades quilombolas da contemporaneidade brasileira, e não foi diferente com a caracterização de Vicentes, pois a antropóloga, Sheila Brasileiro, que produziu o laudo dessa comunidade, em 2012, utilizou o samba de roda como um dos elementos principais para o preenchimento do requisito exigido para reconhecimento legal e do processo em andamento para obtenção do título de terra.

Situação obviamente válida e compreensível, pois segundo Patrícia Pinho (2004) apud Damázio (2006), cultura e política são interpenetrantes e interdependentes e buscam transformar, dentre outras coisas, a ordem hegemônica vigente. Assim, faz-se necessário que os grupos quilombolas valorizem e reafirmem a herança histórica dos elementos africanos presentes em suas formas culturais como elemento importante para sua afirmação identitária, constituindo estratégia de luta e enfrentamento contra o preconceito racial e a pouca visibilidade no contexto social e político de nosso país.

A devoção ao Santo Antônio em Vicentes surgiu com os fundadores do lugar, o casal Vicente e Joventina, que, segundo narrativa dos moradores, trouxeram a crença no Santo, porque na cidade de onde eram originários, Pajeú da Flor, em Pernambuco, o santo também era padroeiro.

Joventina começou a organizar a Trezena e depois passou para que outras mulheres da comunidade a dessem seguimento, como ocorreu com Maria da Caixa [2]. E, no caso atual, Bertulina é a mulher que está à frente de tal prática, uma das lideranças mais importantes, que ao longo dos anos, lutou junto ao grupo pelo Reconhecimento Quilombola junto à FCP.

Nesta região, é comum encontrarmos uma pequena igreja com um cruzeiro fincando à frente, ao centro do lugar, onde todos os anos, geralmente, são celebradas novenas ou trezenas para os santos padroeiros. E, mesmo com o crescente aumento de adeptos de igrejas neopentecostais nestas localidades, há ainda muitos católicos, inclusive participantes ativos nestes eventos. A esse respeito, Antonacci (2014) afirma que influxos desde o século XVIII dos missionários católicos nos sertões nessa área, como pregadores das Santas Missões [3], são ainda parte importante do contexto social e religioso destas pequenas comunidades rurais.

Em Vicentes, há apenas a visita de um padre da paróquia central do município para a celebração da missa no dia de aniversário do Santo, em 13 de junho, na realização da procissão, quando há um maior número de pessoas presentes. Na verdade, poucas são as visitas de membros do clero nestas comunidades rurais distantes da sede da cidade. Dessa forma, os próprios moradores, geralmente mulheres lideram as atividades religiosas previstas no calendário católico.

Figura 2- A Procissão de Santo Antônio. Imagem da chegada do Santo à Igreja, após a procissão para Santo Antônio no período da Trezena. Vicentes, 2014. Foto Itamara Damázio.



E, segundo os organizadores da Trezena de Vicentes, em 2017, esses não recebem apoio financeiro da Paróquia, apenas procuram angariar fundos para a festa e obter melhorias para a igreja na realização do evento, através de doações de moradores da localidade e de outros dos povoados circunvizinhos, através do “pedido de esmola” ao Santo, ao passarem uma bandeira nas casas das pessoas com a imagem do mesmo e ao entoarem cantos nos dias anteriores à celebração da Trezena, o que seria considerado também um processo de publicização da festa.

A grande parte dos moradores participa ativamente dessa festa, mas evidentemente que as mulheres são a maioria, principalmente na condução do momento religioso (na apresentação de cantos, orações, rituais de pedidos e agradecimentos ao Santo).

Os homens, jovens e também crianças começam a estar mais presentes, numa segunda etapa, quando do início da parte profana, quando estes iniciam a performatização da dança de São Gonçalo à frente da Igreja ou quando da distribuição de alimentos e do vinho no interior da igreja e no instante da performatização do samba de roda, também dentro da igreja.



Figura 3 - Grupo de pessoas de Vicentes em visita ao Povoado do Rumo para a realização do pedido de esmola em nome do Santo Antônio. Rumo, 2015. Foto Itamara Damázio

A dança de São Gonçalo é uma atividade bastante comum nesta região e é considerada uma cerimônia coreográfica-religiosa de origem portuguesa em louvor ao Santo Gonçalo do Amarante, sendo coreografa em roda e destinada, especialmente para se pagar promessas ao Santo[4], tomando características específicas em cada região brasileira.

É necessário destacar que em Vicentes esta dança apenas compõe-se enquanto elemento tradicional da Trezena que foi se constituindo ao longo dos anos, mas que não possui caráter de promessa religiosa para o grupo.

Em minha experiência de campo, na pesquisa de mestrado, sintetizo o momento de performatização do grupo na apresentação da roda de São Gonçalo, na qual até mesmo crianças de variadas idades acompanham os passos dos adultos, representando um momento de embricamento afetivo entre todos, reforçado através de laços da memória comum:

Aqueles que não participam da roda de São Gonçalo, aglomeram-se na calçada da igreja, sentam-se em cadeiras ou mantêm-se de pé observando a performance do grupo. E entre gestos, voz, ritmo, o corpo performatiza e simboliza os anseios, angústias, contam histórias, atualizam velhas esperanças, reexperimentam os ritos de fé sedimentados ao longo de anos, reafirmam identidades, reativam quadros de memória construída no social necessária a continuidade do grupo no seu processo de diferenciação com outros grupos. (DAMÁZIO, 2016, p. 74).

Figura 4: A roda de São Gonçalo Início da roda de São Gonçalo na Trezena. Vicentes, 2014. Foto Itamara Damázio.



As demais atividades religiosas desenvolvidas, ao longo do ano, como mencionado, seguem o calendário católico, como o Santo Reis, realizado em janeiro e celebrado também na igreja local. A celebração da Quaresma, do mesmo modo, é feita, a partir da quarta-feira de cinzas e segue até o domingo de páscoa, através do rito contínuo de rezas de terços e benditos a santos. Na Semana Santa, acontece outras atividades, como por exemplo o rito do lava-pés, a procissão da imagem do senhor morto. Sendo que, nesta mesma data ocorre também a prática dos penitentes na sexta-feira, enquanto rito não mais oficialmente aceito pela igreja católica.

Esse ato de homens marcarem seus corpos no sentido de auto-flagelar-se com o significado de salvação de suas almas é um rito penitencial ainda expressivamente forte, pois todos os anos acontece na comunidade de Vicentes e atrai um número

expressivo de pessoas. Contudo, segundo narrativa desses moradores, muitos aparecem mais por curiosidade de que por algum tipo de expressão de fé ao ato.

A respeito desse rito, segundo Cariry (1982) apud Antonacci (2014), a prática de homens pertencentes às camadas populares do campo de se reunir para o ato penitencial é comum desde o século XVII no Nordeste do Brasil, remontando às atividades de flagelação praticadas na Igreja Medieval, assemelhando-se aos movimentos também experimentados por grupos sociais da Europa. Entretanto Antonacci (2014) acredita que esta prática no Brasil remonta mais especificamente ao período inicial da colonização aqui implantada por ordens religiosas da Igreja Ibérica.

Interessante observar que Bertulina, numa etapa final da minha pesquisa de campo, informou-me que pensava em ampliar a manifestação do samba de roda, antes restrita à Trezena de Santo Antônio, também para para 12 de outubro, na celebração de Nossa Senhora, bem como, em dezembro, no Auto de Natal. Na verdade, desde que o samba de roda foi indicado enquanto sinal diacrítico para o reconhecimento da identidade quilombola na comunidade, o grupo buscou ampliar tal prática, mesmo que já estivesse acontecendo dentro dos parâmetros do seu cotidiano.

### 3- O SAMBA DE RODA NA COMUNIDADE

Atualmente, o samba de roda em Vicentes tem sido realizado na Trezena de Santo Antônio, na celebração de Santo Reis e no Auto de Natal, mas, obviamente, que sua maior representatividade no sentido de envolver um grande número de pessoas do lugar e também de fora acontece na Trezena, no mês de junho.

Como dito, o samba ocorre dentro da igreja, após a prática de rezas ao Santo padroeiro, Santo Antônio, e a realização da roda de São Gonçalo à frente do mesmo espaço.



Figura 5 - O samba de Roda na Igreja local. No centro da roda, está Lena. Vicentes, 2014. Foto Itamara Damázio

Idosos, crianças, mulheres e homens de variadas idades participam do samba. Evidentemente que a maioria é composta por mulheres e há poucos adolescentes envolvidos no ato. Alguns dos homens presentes na roda possuem idade acima dos 40 anos. Entretanto suas participações não deixam de ser expressivas tal qual são as das mulheres nos passos do samba e nos movimentos feitos com o corpo. E, quando não estão dançando, tocam o instrumento caixa, o pandeiro e entoam cantos que versam geralmente sobre a labuta na lavoura, a vivência no rio, os períodos de secas, a relação com os elementos naturais que os rodeiam como povo que vive períodos de escassez e também de fartura nestas áreas do nordeste brasileiro.



Figura 6- Os homens no samba de roda. Vicentes, 2014.  
Foto Itamara Damázio

Os trajes utilizados pelos presentes são simples e nem de longe lembram aqueles usados em cerimônias religiosas afro-brasileiras ou em atividades turísticas do Recôncavo Baiano no qual mulheres, por exemplo, se vestem com turbantes, longas saias rodadas e coloridas. E, nestas ocasiões, o corpo expressa, através de sons, palmas e fortes pisadas dos pés no chão de cimento uma relação unívoca na composição do ato performático. O que menos importa é a letra da música, pois é o ritmo o elemento que envolve e produz sentidos, conforme atesta Raymond Willians apud Muniz Sodré (1998, p.20):

Do que já sabemos, parece claro que o ritmo é uma maneira de transmitir uma descrição de experiência de tal modo que a experiência é recriada na pessoa que a recebe, não simplesmente como uma abstração ou emoção, mas como um efeito físico sobre o organismo – no sangue, na respiração, nos padrões físicos do cérebro – um meio de transmitir nossa experiência de modo tão poderoso que a experiência pode ser literalmente vivida por outros.

Constatarei que para o grupo o instante denominado síncopa do samba é deveras entusiasmante, pelo fato dos sons produzidos pelo corpo serem reforçados pela descontinuação do ritmo da música.

Neste sentido, a síncopa para Sodré (1998, p.20), “é a batida que falta. É a ausência no compasso da marcação de um tempo (fraco) que, no entanto, repercute noutra mais forte”. Lembrando ainda que para tal autor tanto o samba como o jazz são originários de ritmos africanos, e a síncopa do samba era dançado pelos negros africanos no período escravocrata brasileiro enquanto elemento de falsa submissão já que o negro acatava o sistema tonal europeu, entretanto, de mesma forma, desestabilizava, ritimicamente, através da síncopa (SODRÉ, 1998, p.25).

Faz-se relevante destacar que tais ritmos musicais de influência africana trazidos pelos negros que aqui aportaram na diáspora africana misturaram-se a outros de demais origens rítmicas e de forma dinâmica se resignificaram, até porque não podemos pensar em congelamentos culturais e sim em confluências rítmicas em solo brasileiro.

Relatos de moradores da comunidade e de visitantes atestam que o samba de roda apresentado em Vicentes é um dos que mais atraem pessoas a participar, devido à animação e envolvimento o qual provoca nos participantes. No período da pesquisa de campo, constatei algumas pessoas residentes de outras cidades filmando e fotografando a festa interessadas em divulgá-la em sites e blogs culturais de seus municípios. Evidentemente que na medida em que o povoado conquistou o status de comunidade quilombola atraiu a atenção de outras pessoas interessadas em conhecer a história do lugar, suas características culturais e religiosas.

Ainda é uma parcela pequena de pessoas que surge com o intuito de realizar o que chamaríamos de turismo local nestes períodos de realização de festejos religiosos e culturais, até porque a comunidade possui difícil acesso, pois o deslocamento faz-se por estrada de terra mal sinalizada no qual são oferecidos alguns carros em péssimas condições para transporte público diário, e como o lugar é pequeno, não dispõe de condições mínimas para a realização de algum tipo de estadia ou passeio. Na verdade, não há interesse do poder público municipal ou demais órgãos governamentais em auxiliá-los neste sentido.

Segundo a coordenadora e pesquisadora do samba de roda e também uma das representantes do Conselho de Cultura de Xique Xique, Giselda Meira, tal manifestação ocorre não somente em Vicentes, mas em outros bairros e comunidades rurais da Cidade e é ainda bastante representativa e importante, porque movimenta as localidades e atraem pessoas de outras partes do município. Entretanto, de acordo com ela, como chega pouco recurso financeiro a essa Secretaria não há como fazer muita coisa para valorizar muito mais essas manifestações culturais locais.

Outra questão interessante a sinalizar refere-se aos depoimentos das informantes na pesquisa de mestrado, ao enfatizaram que a habilidade com o samba é aprendido desde a infância, quando as crianças acompanham seus pais e familiares nas reuniões e não há um sequer que não saiba dar tais passos e ainda afirmam duvidarem que poucas pessoas de comunidades vizinhas

possuam as mesmas habilidades que eles com a dança.

Provavelmente, essas falas estão intimamente ligadas a uma maior necessidade de afirmação da identidade quilombola, pois como já discutido, a partir do reconhecimento identitário étnico, o desejo de afirmação se tornou mais claro para o grupo de Vicentes. A esse respeito, French (2003), apud Damázio (2018, p. 162) aborda o seguinte:

Práticas culturais, construção identitária e conteúdos legais estão em um processo de interligação, a partir do discurso teórico utilizado por ela denominado de “legalização de identidades” na compreensão dos grupos quilombolas do Brasil atual. Portanto não há como analisar a prática do samba de roda em Vicentes, sem deixar de mencionar a maior importância que o grupo tem atribuído ao ato no seu contexto local por ter sido considerado como um dos sinais diacríticos para o reconhecimento étnico.

Obviamente que a prática cultural do samba de roda representa para a comunidade um elemento diferenciador identitário na relação com os demais grupos não-quilombolas da região por possuírem a descendência calcada num mito de origem negro-escrava, mesmo que essa prática aconteça em outras localidades rurais da região.

Sobre isso, French (2003) afirma que, ao realizar estudos de pesquisa sobre a comunidade quilombola de Mocambo de Sergipe, em 2001, concluiu que parte de sua população a qual se identificava como quilombola usou elementos da cultura sertaneja do nordeste brasileiro, como o samba de coco, por exemplo, bem como letras de músicas, para se adequarem às exigências legais para obtenção do título de terra. Mas, por outro lado, não se pode analisar sob uma visão instrumentalista tal questão, pois segundo Sahlins (1999) apud French (p.61):

Pensar numa proposta instrumentalista para analisar esse tipo de comunidade colocaria o observador numa posição funcionalista, pois que deixaria pouco espaço livre para a compreensão da criatividade local, para os significados advindos das histórias pessoais e do grupo, e para uma ligação emocional e para o lugar onde vivem, embora tudo isso esteja expresso no processo de luta pelo reconhecimento legal.

Neste contexto, para além da luta pelo direito ao título de terra, por visibilidade social e pela busca por direitos sociais e políticos, os quilombolas de Vicentes demonstram manter intrínseca a relação de afetividade com a prática do samba de roda, atividade essa sedimentada pelos fios da memória que foram sendo constituídos ao longo de tantos anos.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

É no contexto de realização de atividades religiosas que seguem o calendário católico oficial, bem como o popular, comum no nordeste brasileiro, que a Comunidade Quilombola de Vicentes pratica atividades culturais, como a roda de São Gonçalo e o samba de roda, sendo que a igreja dessa localidade é o ponto central onde tais manifestações acontecem, demonstrando que o sagrado e o profano podem coexistir no mesmo espaço para atender, às crenças, aos anseios e às necessidades dos sujeitos imbuídos também do desejo de reafirmarem suas identidades.

Para tanto, o samba de roda representa para o grupo, desde o reconhecimento quilombola pela FCP, um elemento importante de reafirmação identitária quilombola, o que significa também a busca contínua por direitos a serem atendidos de acordo com as leis e decretos que tratam das demandas legais aos grupos remanescentes de quilombos do Brasil atual. Essa população ainda espera maior valorização, a partir da assunção dessa nova identidade, através da obtenção de políticas públicas mais eficazes, pois a sua grande maioria vive, atualmente, de programas sociais do Governo Federal, da aposentadoria de idosos, da pesca, da agricultura familiar e dos poucos incentivos do governo municipal a sua associação de moradores.

Entretanto, examinar apenas que a prática do samba de roda, por exemplo, representa para o grupo a necessidade contínua de

reafirmação identitária quilombola é pensar apenas sob a ótica instrumentalista, isso seria negar a percepção de que esses sujeitos possuem uma relação de afetividade, de envolvimento criativo, dinâmico e da construção de uma memória com os seus neste lugar no qual vivem há anos. Portanto, da mesma forma em que esperam respeito as suas práticas culturais e religiosas, a sua história enquanto povo negro que por anos sofreu preconceito, na região, devido à origem escrava de seu fundador, o negro Vicente, almejam, como muitos outros grupos sociais em processo de exclusão neste país melhores condições sociais e econômicas de vida para si e suas famílias.

[1] Consideram-se remanescentes das comunidades de quilombos, para fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão sofrida.

[2] Faleceu com mais de 100 anos de idade, em 2018, sendo uma das mulheres que participou ativamente da organização da Trezena por muitos anos e das atividades culturais da comunidade, tocando o instrumento caixa e dançando o samba de roda.

[3] Grupos de padres de diferentes ordens religiosas e nacionalidades que percorriam os sertões nordestinos, principalmente em regiões carentes de párocos e acompanhamento assíduo de membros do clero. (ANTONACCI, 2014, p. ).

[4] Disponível em <<http://www.curta.doc.tv/cultura-popular/dança-são-goncalo>> Acesso em 15 fev. 2016.

## 5- REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. Memórias ancoradas em corpos negros. São Paulo: EDUC, 2014.

BRASILEIRO. Scheila. Relatório da Comunidade Quilombola de Vicentes em Xique-Xique/BA. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL/BA, 2012.

CURTADOC.TV. Dança de São Gonçalo. Disponível em <[http: www. Curta.doc.tv/cultura-popular/dança-são-goncalo/](http://www.Curta.doc.tv/cultura-popular/dança-são-goncalo/)Acesso em 15 fev. 2016.

DAMÁZIO, Itamara Silva. Ribeirinhos e Sertanejos Quilombolas de Vicentes: Memória e Identidade. Dissertação de Mestrado. UFBA- Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Salvador, 2018.

FRENCH, Jan Hoffman. Os Quilombos e seus Direitos Hoje: Entre a Construção e a História. São Paulo. Revista da História, n. 149,2ed.p. 45-68. 2003.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES - FCP -Comunidades Quilombolas. Disponível em < [http:// www.palmares.gov.br /](http://www.palmares.gov.br/) > Acesso em 20 de maio. 2014.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO- MDA - Instituto de Colonização e Reforma Agrária- INCRA- Coordenação de regularização de Territórios Quilombolas. Procedimentos Administrativos para Regularização de Territórios Quilombolas.Goiás: Apostila para Evento de Capacitação, 2010.

PINHO, Patrícia de Santana. Reivencões da África na Bahia. São Paulo: Annablume, 2014.

SODRÉ, Muniz. Samba: o dono do corpo. Mauad Editora LTDA. 2ed. Rio de Janeiro: 1998.



Itamara Silva Damázio, nascida em Xique-Xique, Bahia. Mudou-se para Salvador em 1995 para cursar Letras Vernáculas na UFBA, curso o qual se graduou em 1999. Professora de Língua portuguesa da Rede Pública do Estado da Bahia desde 2000. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade da Cidade em 2010. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA em 2018.